

ACULTURAÇÃO

Alexandre Torres

Descobri o desmatamento por acaso. No último verão, biólogos implantaram *neurolinks* em araras-canindé e, com alguns amigos, inventamos uma forma de se conectar nas mentes destes animais. Foi num desses voos, vendo através de seus olhos, que fiz a descoberta. Mas foi meu pai, chefe da tribo Waimiri Atroari, que decidiu envolver a corporação no caso:

— Você acompanhará um inspetor, amanhã cedo, até essa clareira.

— Por que envolver os brancos? Vovó dizia para não confiar neles!

— Ela nasceu no século XXI, antes das arcologias, quando ainda existiam países. O papel do chefe é preservar a cultura Kinja, no passado como reserva indígena brasileira e hoje como uma subsidiária da corporação Biosfera. Lidamos com os brancos porque dividimos o mesmo planeta.

Contudo, a que preço? No dia seguinte eu esperava a chegada do inspetor na arcologia Mydy Taha, não numa oca no mato, mas no 99º andar de sua torre. Pelas janelas panorâmicas avistava a infundável Amazônia. Era verdade que, após séculos de predação dos brancos, os desmatamentos eram raros e o meio ambiente era finalmente preservado. E quanto ao nosso modo de vida?

Distraído com esses pensamentos, só percebi a chegada do elevador orbital quando ouvi o burburinho dos turistas desembarcando. Com apenas um olhar, meu implante *neurolink* identificou o inspetor P. Silva entre os passageiros, realçando sua silhueta em meu campo de visão. Ele estava com os cabelos verdes, diferentes de nossas reuniões virtuais, amarrados em tranças compridas que exacerbavam seus modos femininos. Conhecer alguém pessoalmente não era a mesma coisa, tinham cheiros, hormônios, sei lá... ele era atraente, mesmo sendo bem mais velho. Nos cumprimentamos com um caloroso aperto de mãos.

— Fez uma boa viagem?

— Ótima. Passei a noite no anel espacial, estou bem descansada.

Ele respondeu usando o gênero feminino. Ainda não tínhamos tanta intimidade, então continuei usando o gênero neutro.

— Sorte sua, tenho enjoo espacial. Então já podemos ir para a floresta!

Seguimos pelo corredor de acesso à plataforma de decolagem, uma passagem viva, revestida de plantas amazônicas, cheia de visitantes boquiabertos.

— Recebem muitos *outers*? — questionou Silva, olhando um grupo que eu não conhecia.

— Às vezes algum vendedor de Manaus, as velhas cidades e comunidades religiosas estão longe. Eles não tem *neurolinks* por viverem à margem das arcologias, não é?

Silva apenas concordou com a cabeça. Autorizados no sistema, acessamos a plataforma onde nosso colibri já começava a bater suas asas gêmeas. Embarcamos na pequena aeronave de pilotagem automática e partimos.

— O “arco” de vocês é magnífico! Toda essa floresta, com a vegetação subindo pelas paredes inclinadas, sacadas, até quase o topo — disse Silva.

— Tem dez mil Kinja vivendo aqui. As plantas que não são arbustos frutíferos têm raízes comestíveis. Tudo adaptado das espécies nativas da região.

Como toda arcologia, precisava ser autossuficiente em termos de água, alimentos e energia, reciclando todo lixo ou resíduo. Ocupavam um quilômetro quadrado, sempre mantendo uma distância mínima de duzentos quilômetros de outras arcologias florestais.

— Engraçado que, olhando de cima, não se vê muita gente na floresta.

— Alguns vivem na mata, como faziam nossos antepassados, mas a maioria passa o dia na arcologia. Muitos até levam uma vida de branco, em função de suas carreiras, dinheiro e status.

— E você? É preciso talento para se conectar a mente de um animal.

— Como a maioria, procuro por um meio termo.

— A gente precisou colonizar o espaço para reaprender a viver como um indígena, em equilíbrio com a natureza. Seria uma pena se vocês perdessem isso de vista.

O colibri bateu suas grandes asas, acelerando na medida que se distanciava. Não demorou muito até que avistássemos a clareira, no pé da serra:

— Como é pequena! Por isso nossos satélites não detectaram.

O colibri estacionou entre as copas das árvores, flutuando com um suave bater de asas. Vestindo apenas minha tanga, desci pela escada de corda, logo sendo abraçado pela selva úmida e quente. Após descer, o inspetor só precisou de alguns minutos para determinar seus suspeitos:

— Mineradores! E não é gente de fora, são acostumados à selva.

Ou seja, era trabalho de indígenas. Fiquei um pouco constrangido, pois me sentia atraído por ele.

— O que estão procurando? — perguntei.

— Plutônio.

— Achei que fosse um elemento artificial.

— É raro, mas pode ser encontrado na natureza. E é muito valioso, baterias de plutônio duram décadas.

— Não é um material perigoso?

— É um material radioativo, que serve até para armas nucleares. Por isso é estritamente controlado. Por outro lado, passa despercebido em baixas concentrações. Eu trouxe um detector porque já estávamos investigando o seu comércio ilegal.

Pedi silêncio pondo o indicador nos lábios, pois ouvi um barulho estranho. Tinha alguém nos observando. Mais de uma pessoa.

— Quem está aí? — gritei. — Estamos monitorados! Se não aparecerem, vão mandar uma patrulha.

Três Kinja saíram da mata, mas tinham, pelo menos, outros cinco. Moacir, meu primo, falava pelo grupo:

— Hackeamos seus *neurolinks*, ninguém sabe onde vocês estão.

— Mas virão atrás da gente — disse, me colocando entre o grupo e Silva.

— É por isso que você vai nos dar cobertura.

Os demais apontavam armas contra nós, arcos e flechas impressos na arcologia. Tinham precisão micrométrica, dando-lhes velocidade e potência capazes de atravessar o aço.

— E por que eu protegeria vocês?

Silva também sacou sua pistola e revelou:

— Já descobrimos que vendem o plutônio para os *outers*.

— Por quê? — questionei.

Desta vez foi Poti, um amigo de infância, que respondeu:

— Vivemos, produzimos e consumimos como brancos. Não tá vendo que nossa cultura já foi absorvida? Queremos o mesmo que todos querem: dinheiro.

— Nos prometeram uma arma, para nossa defesa. Seremos independentes dos brancos — gritou alguém, de trás das árvores.

— Isso é ridículo, essa terra é de vocês, a Biosphere apenas provê serviços e infraestrutura. Quase todo o planeta é reserva biológica, garantida pela propriedade privada. Mas os cidadãos de outras arcologias não usufruem livremente da natureza, não como vocês — explicou Silva.

— É a nossa terra. Sempre foi. Não precisamos de sua torre, ela perverteu nosso povo — disse Moacir.

Ele sempre defendeu que retornássemos a um modo de vida isolacionista. Porém, como seus companheiros pensavam diferente, questionei:

— Papo furado! Vocês querem é o dinheiro dos *outers*. Vai saber que uso eles darão para esse plutônio. Uma bomba nuclear na mão de criminosos ou fanáticos religiosos. Se esqueceram do mal que os missionários fizeram à nossa cultura?

— Não interessa! Ele já sabe demais. Saia já da frente dele! — comandou Moacir, tentando flechar o inspetor.

Protegendo Silva com meu corpo, gritei:

— Vai ter que me matar também!

— Você disse que ele ia nos ajudar. Não podemos matar o filho do chefe — contestou Poti.

— Quem se opõe a independência dos Kinja não é um de nós!

— Não derramaremos nosso próprio sangue — disse Poti, apontando uma flecha para a cabeça de Moacir, que disse:

— Vocês querem mesmo se entregar? Seremos presos pro resto da vida!

— A punição virá, mais cedo ou mais tarde. Vocês não têm ideia do que já sabemos — advertiu Silva.

Não demorou até que as facções assumissem um impasse mexicano, com todos apontando armas entre si. Olhei para Silva, suplicando por uma mitigação das acusações.

— Posso omitir essa ameaça de meu relatório. O crime de contrabando não é tão grave. Não posso garantir, mas existe uma boa chance de vocês terem a pena atenuada caso identifiquem os *outers* que compraram o plutônio.

— Num julgamento feito pela nossa tribo? — pediu Poti.

— Isso pode ser arranjado.

Poti perguntou a Moacir:

— Está bom pra você?

Isolado, meu primo abaixou o arco. Logo o *neurolink* foi reestabelecido, permitindo a Silva conferir com seus superiores.

— Moacir retorna no colibri com a gente. Os demais voltam para a arcologia como vieram até aqui.

Moacir ficou pálido, dando um passo para trás. Ia fugir, contudo, fui mais rápido, derrubando-o com um salto. Imobilizado no chão, ele gritou:

— Não podemos voltar!

— Por quê? — questionei, mas foi Silva que respondeu:

— Porque ele armou uma bomba na torre.

Cheio de cólera, me ergui e comecei a chutar Moacir nas costelas.

— O quê? Você quer destruir sua própria tribo? Assassinar mulheres e crianças!?

Os outros pareciam incrédulos, mas eu não tinha como saber se participaram daquele plano genocida. Só parei quando Silva nos apartou, apaziguando os ânimos:

— A bomba já foi neutralizada. Outro inspetor veio comigo, em segredo, e a desarmou enquanto estávamos aqui. Sua tentativa de disfarçar o sinal radioativo foi boa, mas ineficiente.

Algemos Moacir e o conduzimos de volta à torre. Silva queria, antes de tudo, saber quem fazia parte do grupo, incluindo minha própria participação. Porém, no dia seguinte, foi a minha vez de surpreendê-lo quando me viu embarcando no elevador orbital.

— Achei que você tinha enjoo espacial.

— Vou tentar dominá-lo. Depois de tudo que aconteceu, decidi passar uma temporada fora. Conhecer os assentamentos orbitais e suas ecologias controladas. Tem gente, lá em cima, que se impressionou com minha habilidade de se conectar na mente dos pássaros silvestres.

— Que legal. Espero que um dia você volte, seu povo precisa de você.

Passamos a viagem conversando animadamente e acabamos até engatando um namoro depois. Mas isto é uma outra história.

Alexandre Torres nasceu no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, mas agrauchou-se ainda na adolescência. É doutor em ciências da computação pela UFRGS. Publicou alguns contos de ficção científica, terror e fantasia urbana em editoras como Sem Tinta, Cartola, LN-Editorial e Elemental, além da série “Ameaça Antártica” e da coletânea “Contos de Hard Sci-fi”. Insta: @torres.writer

Capa: Maurício Coelho

Revisão: Alexandre Torres

Redes sociais da Editora Cyberus:

[Instagram.com/editoracyberus](https://www.instagram.com/editoracyberus)

[Facebook.com/editoracyberus](https://www.facebook.com/editoracyberus)

[Twitter.com/CyberusEditora](https://twitter.com/CyberusEditora)